

TRILHAS DA CIDADE: FORTALEZA E OS LUGARES DA MEMÓRIA

Ana Carla Sabino Fernandes, Co-tutora PET-História/UFC

Ana Lorym Soares, acadêmica

Keifer Fortunatti, acadêmico

Jofre Teófilo Vieira, acadêmico

Rafael Ricarte da Silva, acadêmico

Mário Martins Viana Júnior, acadêmico

Resumo 100 palavras: O trabalho busca exercitar a prática de ensino e aprendizagem a cerca do patrimônio histórico do Centro de Fortaleza-Ceará, oriundo de meados do século XIX. Estão inseridos nessa atividade docentes e discentes das escolas públicas e Universidades do Ceará monitorados por bolsistas e tutoria do PET-História/UFC. Para tanto, a metodologia utilizada, nessa fase do Projeto, consiste na exposição sobre a cultura histórica e arquitetônica das Praças: Ferreira, Leões, Sé, Passeio Público e José de Alencar. A discussão é fomentada mediante uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a historicidade de cada uma dessas Praças e vestígios de memória social. Parte das fontes são compostas por memorialistas, agentes do poder público e cronistas da Cidade, que produziram saberes sobre suas experiências na cidade, restando-nos portanto estabelecermos um amplo diálogo.

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar as questões referentes ao Projeto Trilhas da Cidade, realizado em Fortaleza, que tem por objetivos percorrer espaços do centro da cidade procurando problematizá-los historicamente.

O Projeto Trilhas da Cidade surgiu da parceria entre os Departamentos de História e Geografia da Universidade Federal do Ceará . Este projeto começou quando da necessidade de se pensar e ter um novo olhar sobre Fortaleza e principalmente sobre a comemoração do seu aniversário, em 13 de Abril. As Trilhas da Cidade têm como objetivo realizar reflexões sobre a cidade de Fortaleza e sua história através dos seus espaços urbanos como praças, monumentos e edificações com valor histórico. Compreendendo a importância da preservação dos lugares da memória e articulando a história, os usos e a atualidades dos mesmos, ressaltando o papel da prática educativa na construção da cidadania e da valorização do patrimônio cultural. Buscamos a partir

deste momento dialogar com os diferentes participantes na tentativa de pensarmos historicamente a construção desta cidade e o desenvolvimento de sua história.

O desenvolvimento das trilhas como forma de se pensar a cidade de Fortaleza é interessante porque no seu desenvolver possibilita aos participantes a interação com o espaço em reflexão e com as práticas sócias destes lugares. Para o PET-História /UFC, este projeto tem importância na medida que possibilita o contato dos bolsistas com vários alunos da graduação, do ensino médio, do ensino fundamental, bem como a população em geral que no dia da trilha se faz presente ao evento, possibilitando a partir destes agentes uma troca de conhecimento a cerca da história desta cidade e a construção de uma pratica cidadã de preservação dos monumentos e edifícios históricos.

Quando da realização das trilhas pela cidade, uma das preocupações centrais é tentar mostrar o espaço em seu dinamismo, pois o mesmo não está desvinculado do homem, das suas ações. Dessa forma o debate permite ir além das funções institucionalizadas dos espaços, sejam eles praças, monumentos, prédios, etc., buscando entender as relações que os sujeitos ali presentes efetivam com os objetos/espaços em seus cotidianos. Esse caráter relacional permite enxergar as diversas possibilidades engendradas, que não podem ser observadas nas fontes oficiais, por exemplo.

O Projeto, enfim, destina-se à proporcionar um senso de preservação da memória social e coletiva e a revitalização do Centro da Cidade de Fortaleza. Realiza-se, como já foi dito, dentro das comemorações do aniversário da cidade, mês de Abril, através de excursões monitoradas e abertas ao público em geral, propondo exercícios de caminhada e observação da multiplicidade espacial e temporal do Centro. E, a partir daí são realizadas reflexões sobre os usos e ocupações dos espaços, abordadas questões sobre a história da cidade e a idéia de centralidade das ações sociais, de lazer, políticas, culturais, históricas e econômicas, visando para cada participante a construção de conhecimento múltiplos.

Desta idéia de preservação da memória social e coletiva o Projeto Trilhas selecionou um roteiro que englobasse não somente o patrimônio histórico, patrimônio este muito identificado com os bens imóveis, prédios e monumentos antigos. Mas sim, dentro da perspectiva de perceber as diversas formas que estas edificações se manifestam, daí utilizarmos a definição de Patrimônio Cultural.

Neste ano de 2006 fora privilegiado um roteiro que desse conta de revelar ao participante uma Fortaleza cheia de espaços de sociabilidades, seja no âmbito Político, Religioso ou nos espaços do Lazer e da Cultura, como também as diversas formas e os conceito que os sujeitos utilizam no dia-a-dia e como elas os resignificam. Os locais escolhidos foram às praças, as “praças do povo” como se diz no dito popular.

O mencionado roteiro compreendeu os seguintes locais: Praça do Ferreira, Praça General Tibúrcio (Praça dos Leões), Praça da Catedral (Igreja da Sé), Praça dos Mártires (Passeio Público), Santa Casa de Misericórdia e Praça José de Alencar.

A Praça do Ferreira é considerado por muitos o logradouro mais importante da cidade, é o centro das manifestações políticas e culturais. Em seu entorno registram-se diversos monumentos que compõem a paisagem da praça, como o cinema São Luiz, o Excelsior Hotel e o prédio da Caixa Econômica Federal.

Na Praça General Tibúrcio ou como é conhecida popularmente por “Praça dos Leões” sua espacialidade está relacionada com várias dimensões do poder: o poder político, representado inicialmente no Palácio da Luz (hoje Academia Cearense de Letras) e depois transferido para o prédio da Assembléia Provincial, atual Museu do Ceará; o espaço religioso, materializado na historicidade da Igreja do Rosário, local privilegiado da sociabilidade dos escravos e religiosos no século XIX, e também da elite política da capital, nos momentos nos quais a Igreja, por determinado período, foi a Catedral. No entorno da Praça também estava presente o Hotel Brasil que abrigava os deputados do interior que vinham para as sessões da câmara.

Semelhante exemplo de uso e apropriação aí pode ser observado em outro ponto do roteiro das trilhas a estátua do General Tibúrcio. Se a imponência da estátua do General, que participou da Guerra do Paraguai, bem como a pompa dos leões de bronze, oriundos da França, corroboram com um poder público-militar, as pilhas de livros usados sobre os bancos da praça nos dão outra dimensão desse mesmo espaço. É ali, muitas vezes o local escolhido pelas mães, donas de casa, para enfrentar e externar as dificuldades da labuta cotidiana. É na tática da troca de livros usados que elas burlam as estratégias das livrarias, quase sempre em parceria com as editoras, encontradas a poucos passos dos mesmos bancos. É, portanto nesse fazer-se e refazer-se cotidiano que vai se

dando a configuração do espaço citadino em toda sua complexidade e distância das imposições estanques de uma historiografia/geografia tradicional.

A Praça e Igreja da Sé são percebidas nas suas múltiplas utilizações por seus mais variados sujeitos históricos, apresentada em suas múltiplas apropriações pelos indivíduos que aí passaram, e passam. Dessa relação (sujeito-transeuntes, vendedores, objeto-Praça) foi estimulada a reflexão entre objetos-objetos, no sentido de esclarecer a relação Praça-Igreja, mostrando a indissociabilidade entre ambos.

Dessa forma, ou seja, a partir do contato empírico é que a Praça e Igreja da Sé apresentam significados mais amplos. Enquanto pelos almanaques, guias e livros tradicionais conseguimos perceber funções de caráter oficial, “de cima”, é no caminhar por esses espaços que observamos seus usos e apropriações mais inusitadas. Enquanto que aqueles documentos registram a temporalidade da fé, do poder público, empiricizada seja pela estátua de D. Pedro II no centro da praça ou pela disposição arquitetônica gótica da Catedral, os homens e mulheres ali presentes lhe atribuem outros significados.

Basta ver as feiras que ocorrem todos os dias ali até às 7h da manhã. É sob o mesmo olhar atento da estátua que se dão as mais diversas trocas comerciais e, sobretudo culturais, pois ali surgem pessoas das mais diversas regiões e culturas atraídas pelo baixo preço (em virtude da não taxação de impostos) e pelo poder de barganha junto ao produtor direto. Se é o tempo do comércio que se apresenta é também o momento de disputa, não apenas entre os comerciantes e clientes ali presentes, mas principalmente destes comerciantes nômades com os comerciantes sedentários do Mercado Central (na parte nordeste da praça). É, portanto, um espaço do tempo da fé, do poder público, de trocas culturais e, sobretudo de disputas e lutas cotidianas.

Na Praça do Passeio Público e a Santa Casa de Misericórdia “habitam” uma mesma espacialidade, a história de ambos esteve por muito tempo integrada, já que um pouco após a sua construção a Praça que hoje se chama Passeio Público fazia parte da Santa Casa. A Praça do Passeio recebeu diversas denominações em sua história, história esta marcada com sangue nas execuções dos mártires da confederação do Equador e dos “pretos da Laura”, como também com elegância e segregação.

Elegância por se transformar no fim do século XIX e início do século XX num grande jardim onde as classes mais abastadas poderiam realizar seus encontros e espaço de segregação e exclusão, onde este mesmo jardim era composto por níveis (avenidas ou planos) em alusão a condição financeira, material e mesmo intelectual.

Passada a fase áurea deste espaço, seu estado atual merece reflexões em torno dos seus usos e desusos na atualidade, considerando o abandono por parte do poder público para com a praça, a questão da prostituição infantil, criminalidade e o seu valor histórico e cultural na cidade de Fortaleza revelam bem o descaso com o patrimônio cultural, mal que atinge diversas cidades brasileiras.

Ao lado da praça está a Santa Casa de Misericórdia que se localiza entre a Praça do Passeio Público e a antiga Cadeia Pública de Fortaleza, sua localização geográfica estava de acordo com os preceitos da medicina moderna do século XIX, teve grande destaque nos principais períodos de seca em que o Estado do Ceará atravessou no século XIX (a saber, 1815, 1845, 1877) apresentando papel importantíssimo nos períodos de eclosão das epidemias que assolavam, em maior escala, a leva de retirantes que se aglomeravam na capital. A Santa Casa foi ainda alicerce fundamental para a prática da medicina moderna e dita preventiva que se consolidou no final do século XIX, atuando, a priori, como hospital exclusivamente remediador, ficando os casos epidêmicos a cargo do Lazareto da Lagoa Funda.

Continuando nossa andança, observamos na Praça José de Alencar a necessidade de se refletir sobre os diversos usos e sociabilidades perceptíveis atualmente no lugar social da Praça e no seu entorno se faz uma questão de suma importância, pois, a partir daí, pode-se visualizar às primeiras décadas do século XX e problematizar o lazer e as sociabilidades neste período percebendo como os usos desse espaço sofreram um deslocamento, passando de um lugar eleito pela elite fortalezense da época para o lazer, para figurar atualmente como um espaço marcado pela presença de moradores oriundos dos subúrbios e periferias.

No contexto da chamada *Belle Époque* fortalezense, a Praça Jose de Alencar, que à época era Marquês do Herval, passou por uma profunda reforma ganhando elementos que lhe imprimiam ares de urbanidade, modernidade e beleza, nos moldes da aspirada Paris de então. Dessa forma consistia num espaço privilegiado de encontros da “fina-flôr” da cidade onde se praticava patinação,

ginástica, ouvia-se a banda de música do Batalhão de Segurança Pública que se apresentava no Coreto que enfeitava a Praça, além da circulação das pessoas que freqüentavam o Teatro, das senhoras e senhores que iam às missas da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, dos freqüentadores da Fênix Caixeiral, da Escola Normal Pedro II, dentre outros. Mesmo ambiente no qual se davam tais práticas de lazer, também servira como palco de conflitos de vários níveis, desde a segmentação da Praça entre os mais ricos que se mantinham mais ao lado do Teatro, e dos menos abastados que freqüentavam a Igreja e se mantinham mais nas suas proximidades, e que, muitas vezes preferiam ficar no “sereno” a admirar o requinte da indumentária que a elite usava, constituindo um tipo mais tênue de disputa.

A Praça José de Alencar seja no início do século XX, ou ainda hoje, é um espaço rico de usos e sociabilidades, não obstante às várias mudanças que ocorreram no tempo.

A Praça José de Alencar, portanto, encerra o percurso deste caminhar por Fortaleza. Caminhar este que visa desbravamentos e descobertas nos meandros da Cidade, busca perceber com todos os sentidos, a história da nossa cidade. O quanto nossa morada pode ser contada, falada, estudada, através de edificações, monumentos, mas também pelos usos e desusos (por que não dizer, abusos?) desses belos logradouros que são por excelência espaços de festa, lazer, mas também de conflitos e disputas, demonstrando mais uma vez que a história é dinâmica e que afinal – o tempo – “o tempo não pára”.

Muitas lições podem ser aprendidas e ensinadas por bolsistas, tutores, docentes e discentes de escolas e universidades e, fundamentalmente, pelos cidadãos cearenses que percebem na prática do saber histórico as reais necessidades de preservação, conservação, restauração e tombamento das edificações, dos marcos da nossa memória, do quanto foi bom ou ruim uma tarde qualquer na Praça do Ferreira, do filme do Cine São Luís, etc. Nesta ordem o pensamento do historiador Ulpiano Bezerra de Meneses é enfático:

“O tema da memória está em voga, hoje mais do nunca. Fala-se da memória da mulher, do negro, do oprimido, das greves do ABC, memória da Constituinte e do partido, memória da cidade, do bairro, da empresa, da família. Talvez apenas a memória nacional, tantas vezes acuada (e tantas vezes acuadora) esteja retraída. Multiplicam-se as casas de memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus, coleções, publicações especializadas (até mesmo periódicos). Os movimentos

de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias específicas já contam com força política e têm reconhecimento público. Se o antiquariato, a moda retrô, as ‘revivais’ mergulham na sociedade de consumo, a memória também tem fornecido munição para confrontos e reivindicações de toda espécie”¹.

Estabelecer laços de pertencimentos e o reconhecimentos da memória social e coletiva diante dos processos de educação patrimonial, exigido e garantido pelos órgãos educacionais e pela Constituição Brasileira, é, em suma nosso objetivo e objeto de estudo e pesquisa como fora apresentado anteriormente.

¹ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “A história, cativa da memória?: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”.In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, nº34, 1992,p.09.